

## O CORDEL DO JUAZEIRO

**Gilmar de Carvalho**

Universidade Federal do Ceará  
gildecar@uol.com.br

**Resumo:** Falar em Juazeiro evoca a cidade mágica e mística, com o tempo marcado pelas badaladas dos sinos da Matriz, dos Franciscanos, do Socorro e dos Salesianos, enquanto as nuvens são rasgadas pelas turbinas do jacto. Onde os pregões do velho mercado central alternam com a frieza e organização do “shopping center” e as velhas fofocas da barbearia ganham a velocidade e a tecnologia do “cyber-café”.

Juazeiro é bem mais que uma cidade; é uma encruzilhada dos destinos sertanejos e o lugar especial onde se pode vivenciar e, ao mesmo tempo, observar e constatar na prática o que temos lido nos livros, pela mediação dos teóricos: simultaneidade dos tempos, mediações, tensões e a relação conflituosa entre o oral e o escrito.

**Palavras-chave:** Juazeiro, romance de cordel, oral/escrito.

**Abstract:** To talk about the Juazeiro brings to mind the magical and mystic city, with the time marked by the bells of the church, of the Franciscanos, Socorro and Salesianos, as the clouds are passed through by the plain turbines. Where the sayings of the old central market alternate with the coldness and organization of the shopping-centre and the old conversations in the barber shop gain the velocity and the technology of the ‘cyber-cafe’.

Juazeiro is much more than a city, it is a crossroad of the destinies of the ‘Sertão’ and the special place where one can live and, at the same time, observe and realize in practice, what we have read in the books, through the mediation of a theorist: simultaneity of times, mediations, tensions and the conflituous relation between the spoken and the written.

**Keywords:** Juazeiro, novels, oral/written.

Falar em Juazeiro evoca a cidade mágica e mística, com o tempo marcado pelas badaladas dos sinos da Matriz, dos Franciscanos, do Socorro e dos Salesianos, enquanto as nuvens são rasgadas pelas turbinas do jacto. Onde os pregões do velho mercado central alternam com a frieza e organização do “shopping center” e as velhas fofocas da barbearia ganham a velocidade e a tecnologia do “cyber-café”.

Juazeiro é bem mais que uma cidade; é uma encruzilhada dos destinos sertanejos e o lugar especial onde se pode vivenciar e, ao mesmo tempo, observar e constatar na prática o que temos lido nos livros, pela mediação dos teóricos: simultaneidade dos tempos, mediações, tensões e a relação conflituosa entre o oral e o escrito.

A figura do Padre Cícero eleva-se, altaneira, sobre a Colina do Horto. Omnipresente, ele deixou as suas marcas em todos os cantos da cidade.

Fala-se no cordel como literatura da voz que ganha o suporte da escrita e do impresso. Esse processo pode ser vislumbrado e constatado *in loco*, e talvez isso tenha feito a festa de pesquisadores que reflectiram a partir deste “umbigo do mundo”, de Ralph Della Cava a Raymond Cantel, de Mark Curran a Martine Kunz. É um privilégio poder sair dos livros e constatar no campo como se dão as relações entre letra e voz, tendo o cordel como veículo.

Juazeiro é importante não apenas por ter sido, durante uns bons vinte e cinco anos, o principal pólo de impressão e difusão de folhetos de feira do Brasil. Vale a pena recuperar o percurso que passa por Leandro Gomes de Barros, em Pernambuco; Chagas Batista, na Paraíba (como então se chamava João Pessoa); depois João Martins de Athayde, também no Recife, até chegar, em Julho de 1949, ao número 263 da Rua Santa Luzia, onde passou a actuar o romeiro alagoano José Bernardo da Silva, mascate, que teve a ideia de incluir folhetos no seu “matulão”, vindo a ser o maior editor de literatura de cordel de todos os tempos.

A importância vai além da tipografia, ainda que esta tenha sido essencial para a reprodução dos folhetos: passa pelo mito e, a partir daí, teceu-se uma trama ou teia envolvendo relatos que estão além da memória e se baseiam, muitas vezes, na percepção que produtores e leitores fazem do facto histórico.

Tudo começou com o “milagre” da hóstia que se teria transformado em sangue, aquando da comunhão que o Padre Cícero ministrou à beata Maria de Araújo, em Março de 1889.



O relato espalhou-se, célere, pelo sertão, e acorreram os primeiros peregrinos, como anteparo à dura perseguição que a Igreja oficial moveria contra o sacerdote e contra a beata analfabeta, negra, feia, lavadeira de roupas e doceira, que ousou deslocar para o Cariri cearense um milagre que deveria ocorrer na Europa – segundo declarações do Padre Pierre Chevalier, Reitor do Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde o Padre Cícero se ordenou em 1870.

O “milagre” não eclodiu com a dimensão de um ciclo, na constituição de um *corpus* representativo de folhetos. Ele diluiu-se, abafado talvez pela forte pressão eclesiástica, mas fez-se presente numa publicação de Caicó (RN), datada de 1892, compilada pelo Padre J. Soares Pimentel (“Lá no Juazeiro / se contempla isto / o tempo primeiro / do sangue de Cristo / foi uma mulher / de amor sincero / perante Assuero / a segunda Ester”), que, longe dos códigos populares, se impunha como texto fundador. Pode-se pensar no silêncio dos cordelistas, mas nunca na interdição da voz que fez que o “milagre” se presentificasse e ganhasse o sertão, dando conta da importância da oralidade como forma de reforçar essa manifestação.

O “milagre” desencadeia a revisão da imagem do padre, até então um cura de província, um homem comum, ainda que dotado de bagagem intelectual, possuidor de biblioteca, em dia com os estudos teológicos e com pretensões de fazer carreira no magistério.

Pode-se defender a hipótese de que, a partir do “milagre”, a vida do Padre Cícero foi reinventada e reescrita sob nova abordagem, enfatizando todas as características do mito, a partir de seu nascimento, envolto em mistério, com crianças trocadas, mulheres enigmáticas, anjos, halos de luz e todos os indícios de uma condição diferente da humana que lhe era atribuída.

Toda sua trajetória foi revista, desde a infância piedosa, passando pela vocação, que se consolidou na juventude, chegando ao Seminário, à ordenação (apesar de ser considerado “opinião” por seus superiores), e à sua ida para Juazeiro, quando, enfim, a sua santidade passou a estabelecer-se sem condições pelos seus devotos e romeiros.

Veio o sonho com o Cristo e os doze apóstolos, que lhe mostrava os desvalidos, e a decisão de ficar naquele lugar edificado em torno de três juazeiros, à margem da lei, com bêbados, desordeiros e muita violência. Problemas que ele resolveria com a sua pastoral didática e com a sua fala adequada ao seu público-alvo (“Quem roubou não roube mais, quem matou não



mate mais”), onde o carácter imperativo se diluía diante da compaixão e do perdão.

Essa reinvenção biográfica, a partir da perspectiva mitopoética, enfatiza a ideia de Roland Barthes de que “o mito é uma fala”, neste caso específico uma fala comprometida com o estereótipo (ideal) do santo e com as expectativas que gerariam os seus atributos.

Esta perspectiva lacunar deixa margem para outros relatos que partem da revisão, num processo interminável de variantes, da narrativa, que ganha o suporte do folheto como a edição possível, num momento inaugural.

Como uma das primeiras manifestações, da qual restaram poucos vestígios, temos o poema/folheto de Leandro Gomes de Barros “O Padre do Juazeiro”, publicado pela secção “Lyra-Popular” do semanário *O Rebate*, fundado em 1909, para lutar pela emancipação política do Juazeiro (obtida em 1911): “No sertão do Ceará / apareceu um pastor / e qual outro Christo nosso / adorável Salvador / é um amigo da bondade / enviado do Senhor”.

Prossegue o poema veiculado na edição de 10 de fevereiro de 1910: “É um pastor exemplar / o padre do Joazeiro / doa-lhe esmola e dá esmola / e não é interesseiro / tudo que faz é de graça / não aprecia dinheiro”.

Padre Cícero reforçava, cada vez mais, sua liderança, também no plano político, e o poema pôde ser veiculado como desencadeador de um ciclo interminável nos seus desdobramentos e actualizações.

Vieram os folhetos hiperbólicos de João Mendes de Oliveira, que, ao lado do exagero devoto, ao considerar Padre Cícero como uma pessoa da Santíssima Trindade, dava munhões aos que acusavam o Juazeiro de ser “um antro de fanáticos”. Cantava o poeta/comerciante: “É dono do Horto Santo / é dono da Santa Sé / é uma das três Pessoa [sic] / é filho de São José / Manda mais que o Venceslau [Braz, Presidente da República] / Pode mais que o João Tomé [de Sabóia, Presidente do Estado do Ceará]” (Mota, 1978, p.114).

Isto também o tempo esgarçou, não sem antes ter eclodido um conflito armado em 1914, com a invasão da cidade pela milícia estadual, a pretexto de combater jagunços, no mesmo ano em que a beata do “milagre” morreu e teve o seu túmulo violado pouco depois.

O grande embate era entre as elites e o povo, subvertendo a lógica do poder e instaurando a utopia de Canudos (“o sertão vai virar mar”): um espaço dos excluídos, a Nova Jerusalém das expectativas sertanejas e o lugar abençoado pelo “santo do povo”.



Como pano de fundo, a política cearense, o reforço das camadas urbanas, a participação militar no golpe contra os vinte anos de domínio da oligarquia Acioly (1890/1910) e a luta contra o catolicismo popular, no sentido da “romanização” da Igreja, que teve seu ponto alto com a constituição do jornal *O Nordeste*, em 1922.

Quanto ao cordel, se o “milagre” não formou um conjunto expressivo de folhetos, apropriou-se do Padre Cícero como um dos maiores motivos de todos os tempos. Quando não o faz protagonista, recontando a sua vida, os seus milagres e as suas profecias, toma-o como pretexto para ser o interlocutor, no céu, de personalidades como Tancredo Neves, Luiz Gonzaga ou Frei Damião, oferece-o como álibi para a construção de monumentos, imiscui-o na política partidária de hoje e de sempre (alusões a “elefantes brancos”, na campanha política de 1988, e a “estátuas pintadas de vermelho”, nas eleições de 2002), coloca-o como antecipador da preocupação ecológica, e elege-o, numa promoção dos *media* (uma emissora afiliada da Rede Globo), como “o cearense do século XX”.

É difícil pensar no cordel sem Padre Cícero e toda essa tessitura dos relatos, que se tornaram impressos, num dia-a-dia marcado pela fé, pelas relações de trabalho, pela arte e pelos ofícios, estimulados por ele como forma de consolidação e crescimento da cidade que o “padim”, de certo modo, fundou.

É possível ver como essas questões se colocam e resolvem (ou não) tensões, paradoxos, superposições e exageros, porque, além da poética, também estamos no campo minado da fé.

Quando estudiosos empreendem buscas que levam à gênese e à adaptação de relatos procedentes de outras culturas e de outros tempos, esse material está disponível aqui, em processo, que não se fechou e não se fechará tão cedo (ou nunca).

A ideia de privilégio vem da certeza de que não estamos trabalhando com a “beleza do morto”, como disse Michel De Certeau, mas com a complexidade dos vivos.

Padre Cícero é o mito fundador do Juazeiro e de grande parte dessa literatura que, graças a ele, se actualiza, se mantém viva, e compreendê-lo é inteirarmo-nos dessa dinâmica. Ele interferiu como personagem em vários relatos, como o líder que atraiu para o Juazeiro a diáspora nordestina, resultando na grande riqueza e diversidade das manifestações culturais da



cidade. O Juazeiro sempre foi regido pela máxima beneditina “trabalho e fé”, traduzida para “em cada casa um altar e uma oficina”.

Essa interferência deu-se, inclusive, na produção poética, a ponto de João de Cristo Rei ter declarado o estímulo recebido do “padim”, a quem todos pediam a bênção, autorização para se fixar na cidade e, além disso, a sugestão de algum ofício a ser praticado: “Então tirei de minha mentalidade umas rimas, fiz um versinho, um tanto errado, coisa e tal, mas que saiu de gosto. Cheguei aqui, fui ler pro meu padrinho Cícero, ele achou muito bonito e disse: – Você de ora em diante vai ser poeta” (Antologia, 1978, p. 145).

Novos relatos foram engendrados, ao longo do tempo, num moto-contínuo de narrativas, experiências e vivências.

O mito tem longa duração e espraia-se pelo campo da poética, inaugurando o mundo, causando estranhamento, dizendo de nossos medos, anseios e expectativas ou fazendo a festa da cura, da remissão e da alegria.

Outras figuras que desencadearam e desencadeiam relatos interseccionam-se com a figura do “padim” e imbricam-se na vida do Juazeiro, de tal modo que se pode falar do mito recoberto por camadas de histórias, assim ganhando densidade, ao mesmo tempo que ele (o mito) aparece lívido na sua visão do esplendor (epifania).

Lampião é uma dessas figuras e a sua passagem por Juazeiro constitui um episódio dos mais significativos de sua trajetória de “rebelde primitivo”, no dizer de Eric Hobsbawn, ou de vítima da acumulação de terras e da ausência de políticas do Estado, diriam outros.

Lampião esteve em Juazeiro em 1926, a pedido de Floro Bartolomeu, para combater a Coluna Prestes, em troca do indulto e da patente de Capitão da Guarda Nacional. O plano não deu certo porque o médico baiano, nesse ínterim, agonizava e morria vitimado por problemas cardíacos, no Rio de Janeiro, onde exercia o mandato de deputado federal pelo Ceará.

O encontro do Padre Cícero com o líder cangaceiro rendeu várias referências no cordel e um folheto: “Visita de Lampião a Juazeiro”, do poeta José Cordeiro. É difícil encontrar no *corpus* do cordel melhor exemplo de folheto de acontecido, de ocasião ou jornalístico.

Cordeiro desempenhou o papel do repórter: “Falei com ele e depois / da minha apresentação / perguntei-lhe: me conhece? / – Conheço por tradição / não é você o poeta / que fez a obra completa / façanhas de Lampião?”.



O poeta voltava a dar a palavra ao cangaceiro: “Agora, seu Zé Cordeiro / já expus a verdade / com minha autorização / pode dar publicidade / todo mundo dê por visto / que está descrito nisto / a maior realidade”. E o diálogo finaliza assim: “Não espero pra levar / um romance publicado / porque o tempo não dá / e mesmo eu estou vexado / mas espero no sertão / me chegar sem dilação / este livro desejado”.

O facto foi exaustivamente explorado contra o Padre Cícero, mas no imaginário sertanejo o rebelde dobrava-se à santidade do pastor, de acordo com o texto do cordel e o talhe da xilogravura, evidenciando os códigos de uma leitura pelas camadas subalternas.

Para relacionar Lampião ainda mais com o cordel, ele hospedou-se no sobrado de João Mendes de Oliveira, à Rua da Boa Vista, 49 (anos depois mutilado por um proprietário que temia o tombamento do prédio), perto do Mercado Velho, no centro do Juazeiro.

O beato José Lourenço, com sua experiência socialista da fazenda Caldeirão, propriedade do Padre Cícero, no município do Crato, onde o líder religioso de extracção popular se fixou a partir de 1926, tem a sua importância como relato oral. Também não desencadeou um ciclo de folhetos, provavelmente por conta do medo de represálias, não apenas da Igreja, mas das forças militares que aniquilaram a iniciativa, em 1936.

A comunidade repartia igualmente o que era colhido, dividia as terras e reunia-se na capela construída (ainda continua de pé, no meio de ruínas) em devoção a Santo Inácio de Loyola, fundador da Ordem dos Jesuítas, mais um guerreiro que se transformou em santo (oficial) e defensor da fé.

O Caldeirão provocava mal-estar como eco distante de outro empreendimento incómodo: a experiência messiânica de Canudos, do líder Antônio Conselheiro, nascido em Quixeramobim (CE) e fuzilado na Bahia, em 1897.

Depois dos acontecimentos de 1936, que envolveram, inclusive, o bombardeio da fazenda por parte de aviões militares, o beato refugiou-se em Pernambuco, voltando à Fazenda Serra Verde, da família Boris (judeus de procedência francesa, estabelecidos no Ceará desde 1865), em Caririçu, até morrer em 1946.

A violência, que alguns pretendem apenas simbólica, foi tão forte que inibiu, durante muito tempo, narrativas nesse sentido, desencadeadas pela pesquisa do então estudante de História da UFC Régis Lopes, que lançou o seu livro de estreia, *Caldeirão*, em 1991.



O episódio reforça *clichés* e envolve o boi "Mansinho", cuja urina seria bebida pelos fiéis, forte indício de "fanatismo" para as autoridades, que pretendiam, a todo custo, uma justificativa para a ação repressiva.

Frei Damião é outra personalidade que desencadeou um ciclo do cordel e teve presença marcante no Juazeiro. Teria sido enviado pela Igreja, ainda nos anos 30 do século passado, como contraponto à figura do "santo do Juazeiro". O povo, no entanto, reverteu essa estratégia e fez dele o sucessor do "padim".

Com a sua voz arrevesada, que ninguém compreendia, o seu maniqueísmo e exagerado conservadorismo, Frei Damião de Bozzano (1898/1997) juntava multidões para o ouvir pregar, ameaçando com o fogo do inferno adúlteros, amancebados, os que tivessem outras orientações sexuais, ingerissem bebidas alcoólicas, fumassem, e os adeptos dos cultos afro-brasileiros, num acúmulo daquilo a que hoje chamaríamos "politicamente incorrecto".

Na linhagem dos missionários franciscanos do século XVIII, que combatiam as modas, queimavam violas e praticavam um "catolicismo triunfante", decorrente do Concílio de Trento e da Contra-Reforma, Frei Damião caiu no gosto das populações sertanejas, e nas narrativas, que ganharam o formato do folheto, fez curas, milagres, deu exemplos, profetizou e encontrou-se com Padre Cícero nos céus.

Traíndo o seu destino e a sua missão, tornou-se um "santo popular" italiano, canonizado pelos sertanejos, e está presente num sem-número de folhetos, posando em fotografias ao lado de políticos populistas, como Collor de Melo, que soube tão bem apropriar-se de sua imagem fragilizada para ganhar ainda mais votos nas eleições presidenciais de 1989.

Luiz Gonzaga é outra figura exponencial do panteão mítico nordestino e a sua ligação com o Juazeiro e com Padre Cícero sempre foi visceral.

Cantou "Beata Mocinha", toada/bendito de autoria atribuída, no disco, a Manezinho Araújo e Zé Renato (outros preferem dizer ser do domínio público): "Minha Santa Beata Mocinha / eu vim aqui pra ver meu padrinho / Meu padrinho fez uma viagem / e deixou Juazeiro sozinho".

Depois de sua morte, em 1989, apesar da oposição familiar, desceu em Juazeiro, deu a volta em torno do nicho e teve a urna funerária depositada diante da imagem de gesso (esculpida pelo italiano Agostinho Balmes Odísio, discípulo de Rodin), plantada, desde 1940, à frente da Igreja de Nossa



Senhora do Perpétuo Socorro, ao lado do primeiro cemitério da cidade, antes de seguir viagem para Exu (PE), onde foi enterrado.

Esse ritual de despedida integra o repertório das práticas devotas dos romeiros e é exercitado por todos aqueles que terão no Socorro sua última morada.

Luiz Gonzaga levou o mito para o disco de cera, depois para o vinil e, recorrendo às tecnologias, fez a mediação da voz com os relatos que falavam do Padre Cícero, do seu milagre e da sua aura.

“O rei do baião” ganhou um ciclo de folhetos (reunidos em antologia por Pedro Bandeira) impulsionado depois de sua morte: “Enquanto o pássaro Asa Branca / voa pela amplidão / o cantador nordestino / com a viola na mão / canta uma triste homenagem / ao grande rei do baião”, improvisou Lucas Evangelista, no poema que se tornou cordel (“Homenagem a Luiz Gonzaga – o Rei do Baião”).

Luiz Gonzaga teve cantada a sua chegada aos céus, o seu encontro com São Pedro e com Padre Cícero, com o pai, o sanfoneiro Januário (“Luiz, respeita os oito baixos do teu pai”), onde não faltavam referências aos forrós que organizou no paraíso, à sanfona abrilhantando a corte celeste e à nordestinidade que deixou como legado de uma das obras mais consistentes e sintéticas dos dramas e das alegrias sertanejas.

Padre Cícero, Lampião, Beato José Lourenço, Frei Damião e Luiz Gonzaga actualizam o cordel do Juazeiro com novos factos, dando-nos a exacta dimensão de como a voz se transforma em palavra impressa. Fazem de todos nós observadores privilegiados, capazes de interferir, como leitores e como pesquisadores, neste percurso.

Fica mais fácil compreender por que razão alguns factos são evidenciados e outros são esquecidos, na eterna tensão entre memória e esquecimento, de acordo com o medievalista Paul Zunthor.

A maior parte dos relatos é escrita por devotos, com excepção dos que constituem a “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, que, não se sabe se por pura provocação, declara entre seus objectivos “a desmistificação do Padre Cícero”.

Marcado pelo viés romeiro, o folheto, inicialmente um relato oral, mantém as marcas da voz, fixa e recorta o mito, protegido pela redoma, elevado à condição de “santo do povo”.



As categorias com que trabalha o poeta do folheto, os conceitos que operacionaliza e a organização do seu texto estão à nossa disposição como características do cordel do Juazeiro.

Além dessas figuras lendárias (porque impressas), o circunstancial da cidade faz menção ao mito e já não se refere apenas a episódios marcantes ou históricos, como a escavação dos valados, na Guerra de 1914; a visita de Lampião, e a morte, ou “passagem”, do Padre Cícero, em 1934.

Fariam parte deste cordel do Juazeiro as denúncias do então MDB (Movimento Democrático Brasileiro, partido organizado depois do golpe militar de 1964), na voz e letra de Abraão Batista; a inauguração do monumento do Horto (obra do escultor pernambucano Armando Lacerda), em 1969; o incêndio do Mercado Velho, em 1974, e a política, incluindo o dia em que o então presidente Collor disse no Juazeiro ter “aquilo roxo” (referência ao machismo que faz parte dos códigos de expressão da região nordestina).

Este texto amplia a área de actuação do mito, repercutindo seus efeitos, buscando outros nexos e tentando evidenciar o cordel do Juazeiro, na voz rascante dos romeiros que contam histórias ou “bodejam” benditos.

Seja na apropriação da autoria por poetas devotos, como João de Cristo Rei, Expedito Sebastião da Silva, Maria dos Benditos ou Severino do Horto; por aqueles que passaram por Juazeiro, como João Ferreira Lima, Moisés Matias de Moura e Apolônio Alves dos Santos, ou pelos que partiram do factual, como Paulo Batista, João Bandeira ou João Pedro, o cordel do Juazeiro tem-se mostrado cada vez mais vivo.

Mesmo com a crise da edição de folhetos, depois da morte de José Bernardo da Silva (1972); da venda da Tipografia São Francisco (rebaptizada Lira Nordestina) ao Governo do Estado do Ceará, por sua filha Maria de Jesus Diniz (1980); do falecimento de Manoel Caboclo e consequente fechamento de sua Folhetaria Casa dos Horóscopos, em 1996, e da morte sempre anunciada do cordel, ele permanece, para desespero dos apocalípticos de sempre, recorrendo a outros suportes ou *media*, renovando seu repertório e fazendo de Juazeiro o seu eixo ou ponto de irradiação e de confluência.



**BIBLIOGRAFIA**

- Antologia da Literatura de Cordel. Fortaleza, Secult, 1978
- Bandeira, Pedro. *Luiz Gonzaga na literatura de cordel*. Juazeiro do Norte, Gráfica Mascote, 1990
- Barthes, Roland. *Mitologias*. São Paulo, Difel, 1986
- Barroso, Oswald e CARIRY, Rosemberg. *Cultura Insubmissa*. Fortaleza, IOCE, 1982
- Carvalho, Gilmar de. *Madeira Matriz*. São Paulo, Annablume, 1999
- Carvalho, Gilmar de. *Lyra Popular*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2006
- De Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994
- Della Cava, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976
- Hobsbawm, Eric. *Bandidos*. Madrid, Critica, 2001
- Kunz, Martine. *Cordel, a voz do verso*. Fortaleza, Museu do Ceará, 2001
- Lopes, Regis. *Caldeirão*. Fortaleza, Editora da UECE, 1991
- Mota, Leonardo. *Cantadores*. Rio de Janeiro, Cátedra, 1978
- Terra, Ruth. *Memória de Luta: a literatura de folhetos do Nordeste- 1870 -1930*. São Paulo, Global, 1982
- Zumthor, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993